

RETOMADA

Festas de fim de ano voltam a ter força

Sindicato que atua em prol dos trabalhadores de hotéis, bares, restaurantes e eventos acredita que o setor deve ter aumento de 30% no faturamento, em relação a 2021. Contratações, entretanto, ainda estão tímidas

» ARTHUR DE SOUZA

Para o setor de bufês e casas de eventos, o fim do ano é uma oportunidade de gerar lucro e renda. Nesta reta final de 2022, a expectativa dos empresários está alta. O presidente do Sindicato dos Empregados em Hotéis, Bares, Restaurantes e Similares (Sechosc-DF), Orlando Candido, acredita que, durante o período das festas de Natal e réveillon, o comércio de bares, restaurantes e, claro, eventos, deve registrar aumento do faturamento em 30% em relação ao ano passado.

Expectativa ainda maior tem a proprietária do Buffet da Corte, Melissa Acosta Alves, 35 anos. “A nossa demanda aumentou em 40% nos eventos deste fim de ano, em relação ao ano passado”, detalha. Ela conta que sua empresa — localizada no Sudoeste — costuma fazer muitos bufês corporativos, mas as festas de confraternização são as que mais demandam neste mês. “São festas muito grandes. Para o fim de semana, por exemplo, fizemos uma festa de confraternização de uma empresa com 1 mil pessoas”, comenta.

Nem mesmo o novo aumento de casos da covid-19 desanima a empresária. “Continuo preparando nossos profissionais como se ainda estivéssemos com uma gravidade alta: utilizamos máscara, álcool em gel, continuamos com as normas de higiene de quando a pandemia estava mais grave”, destaca. Para escapar do vírus, Melissa conta que tem um sistema implantado desde o início da pandemia. “O cliente vai até a ilha de buffet e recebe um prato montado e decorado, entregue pelo chef de cozinha. Isso para que ele não tenha contato com os talheres de servir. Aplicamos esse sistema no início da pandemia e continuamos trabalhando da mesma forma”, detalha.

Em relação aos valores cobrados, a empresária explica que o preço é por pessoa e fica, em média, entre R\$ 30 e R\$ 350. “Funciona da seguinte forma: quanto maior o evento, menor é o valor por pessoa. A empresa tem uma estrutura para fazer festas grandes, de 3 a 5 mil pessoas, assim como eventos muito pequenos. Já fiz um churrasco para 10 pessoas, na casa do cliente, por exemplo”, esclarece. “Fazemos um serviço personalizado para cada tipo de festa e para cada tipo de cliente. Às vezes, tem gente que quer um frango, um filé mignon, um camarão ou um salmão. Conseguimos permear por todos os tipos de necessidade dos nossos clientes, desde coisas muito simples até pratos extremamente refinados”, complementa Melissa.

Qualificação

O presidente do Sechosc-DF afirma que, especialmente em 2022, existem alguns eventos que podem aquecer um pouco mais o setor. “Além das festas de fim de ano, a Copa do Mundo e a posse do presidente da República podem contribuir”, salienta. Em relação ao cenário de contratações, Orlando aponta um crescimento mais tímido para 2022. “Para nós, o período começa a partir de novembro, quando acontecem as contratações para as festividades, para as quais esperamos um aumento de até 5%”, revela, sem destacar uma estimativa. “Muitos dos que são contratados acabam não procurando o sindicato. Outro fator importante é que esta mão de obra pode ser temporária”, destaca.

A pandemia é citada como uma ressalva em relação ao cenário de contratações. “O comércio de bares e restaurantes, por exemplo, acabou criando outros nichos, como deliveries e drive-thru”, pontua Orlando. “Agora, temos essa nova variante, que deixa o setor preocupado. Esperamos que, no próximo ano, tendo em vista que grande parte da população estará vacinada, possamos comemorar, de fato”, torce.

Quem segue a opinião do presidente do sindicato é a proprietária de duas

Divulgação



Buffets e casas de festas esperam gerar mais lucro após dois anos de pandemia

Carlos Vieira/CB



Melissa Acosta diz que demanda está 40% maior neste ano

casas de eventos — situados no mesmo local do Setor de Mansões do Park Way (Solar Garden e Solar Uberaba). Duda Oliveira, 52 anos, dona dos empreendimentos há mais de 20 anos, conta que a área de eventos foi uma das mais abaladas pela pandemia. “É perceptível que as pessoas estão começando a sair das suas casas, porém, para as grandes confraternizações, acredito que esse ano ainda não será como nos anos anteriores à covid-19”, frisa. “Para se ter uma ideia, ainda estamos fechando contratos para os últimos dias de 2022. Nos anos anteriores, os contratos eram fechados com, pelo menos, nove meses de antecedência”, ressalta a empresária.

Mesmo assim, Duda Oliveira comenta que seu maior receio não tem a ver com a doença causada pelo novo coronavírus. “A perda maior está acontecendo por causa da instabilidade econômica. Costumávamos trabalhar com preços fixos, bem tabelados. Agora, tivemos que fazer alguns reajustes, por causa desta instabilidade”, detalha. “A tabela de preços varia muito, de acordo com a data escolhida, número de convidados, escolha de bufê

e decoração. Por isso, não temos um valor fixo para os eventos”, comenta.

Em relação aos funcionários, quando questionada se costuma ter reforço para as festas de fim de ano, a empresária traz outra dificuldade. “Essa é uma área que, para nós, está bem complicada. Não estamos encontrando pessoas qualificadas para o trabalho”, desabafa. “Treinamos as pessoas e, quando elas se veem capacitadas, simplesmente saem. Área difícil essa, para o mercado de eventos”, crava Duda Oliveira.

Cuidados

No início do mês, o *Correio* divulgou o caso da chef de cozinha Laís Caldas Souza, 35, que aplicou um golpe em diversos casais no DF. Na época, oito ocorrências foram registradas na 1ª Delegacia de Polícia (Asa Sul), mas, de acordo com uma cerimonialista que criou um grupo de WhatsApp com as vítimas do estelionato, 24 pessoas contrataram serviços de bufê para casamentos, formaturas, aniversários, dentre outros, e caíram no golpe, naquele período.

Divulgação



Copa do Mundo em época atípica e posses no governo devem movimentar o segmento

Arquivo pessoal



Duda Oliveira está receosa em relação às equipes de trabalho

A cerimonialista — que não quis se identificar — falou à reportagem que a quantidade de vítimas aumentou, desde que o episódio veio à tona. “Nem todas estão no grupo, mas dá para dizer que, até o momento, são quase 30”, detalhou.

“Ela queria fechar mais contratos para ficar conhecida e, por isso, deu um desconto de 50%”, conta um dos clientes que caíram no golpe. Ele e a noiva desembolsaram R\$ 3,2 mil e aguarda que a justiça seja feita. O delegado à frente do caso, Maurício Iacozilli, disse que a investigação está em andamento e, por isso, não pode passar mais detalhes.

Para o professor de direito do consumidor do Ceub, Nauê Bernardo, é preciso que o contrato reproduza, com algum nível de detalhamento, o que está sendo acordado e quais as condições para prestação do serviço. “É muito importante que o combinado pelas partes esteja escrito, para facilitar o seu cumprimento”, alerta. (confira em **Três perguntas para...**)

Leia mais sobre eventos na página 16

Três perguntas para

Nauê Bernardo, professor de direito do consumidor do Ceub

O que deve ser feito?

É preciso que o contrato reproduza com algum nível de detalhamento o que está sendo contratado e quais as condições para prestação do serviço. É muito importante que o combinado pelas partes seja escrito, para facilitar seu cumprimento.

O que não deve ser feito? Quais são os direitos dos clientes em caso de golpe ou não cumprimento do serviço contratado?

É importante que as partes evitem termos “de boca” sobre pontos essenciais do contrato. Claro que deve haver margem de manobra para aumentar a qualidade do serviço, se isso for viável e conveniente para ambas as partes. Mas é importante que o central, o mais importante, a raiz do contratado, esteja devidamente prevista e acordada em um documento escrito e assinado. Também é essencial que se procure lugares com referência prévia, com sede física e que demonstrem efetivamente ter capacidade de entregar o serviço contratado. Não se deve confiar apenas no que for dito, é importante ver, provar e ter alguma certeza de que o serviço será prestado.

Quais os maiores perigos?

Os maiores perigos normalmente são a não entrega do serviço e também a entrega de um serviço muito diferente (inclusive de qualidade inferior) ao contratado. Em caso de não cumprimento, o consumidor tem ao seu dispor a possibilidade de ação de reparação de danos, de modo a buscar reparar eventual prejuízo provocado. Em caso de golpe, é essencial acionar a autoridade policial e buscar acompanhamento jurídico para buscar a devida reparação.